



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SEculo

DE SANTA
≡ RITA ≡



Por **MANUEL VIEIRA CLARO**
Desenhos de **A. CASTANÉ**



que adiante vou contar, passou-se muitos anos antes de terem nascido os bisavós dos nossos avós.

Noite tempestuosa em que os trovões explodiam com terrível estampido, e as nuvens, cõr de chumbo, acasteladas no céu, se desfaziam numa chuva torrencial. O vento, soprando com violência, fazia dobrar as árvores mais robustas, algumas das quais arrancava pela raiz; o firmamento, rasgando-se, vomitava línguas de fogo, como se fôra um enorme vulcão, prestes a tragar o mundo; a chuva, precipitando-se em catadupas, fazia lembrar um novo dilúvio!

Aquela tempestade, a um tempo horrível e bela, parecia tudo querer arrazar!

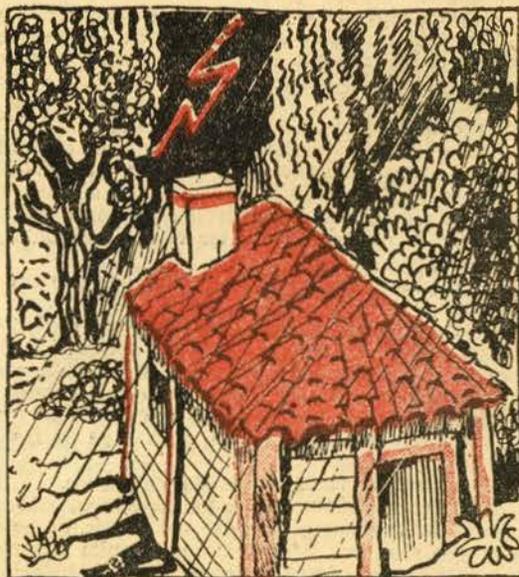
Entretanto, uma coisa havia que, talvez por tão pequenina e humilde ser, a tempestade poupava! Quem sabe até, se assim procedia por se não querer maçar por uma coisa tão fraca e simples?!...

Era a choupana do rachador José.

Este e sua mulher, a-pesar-da hora avançada da noite, ainda se não haviam deitado, receando ver ir, de um momento para o outro, a sua habitação pelos ares.

— Meus Deus! Que noite horrível! Não tenho na memória uma tempestade assim! — exclamava o pobre rústico.

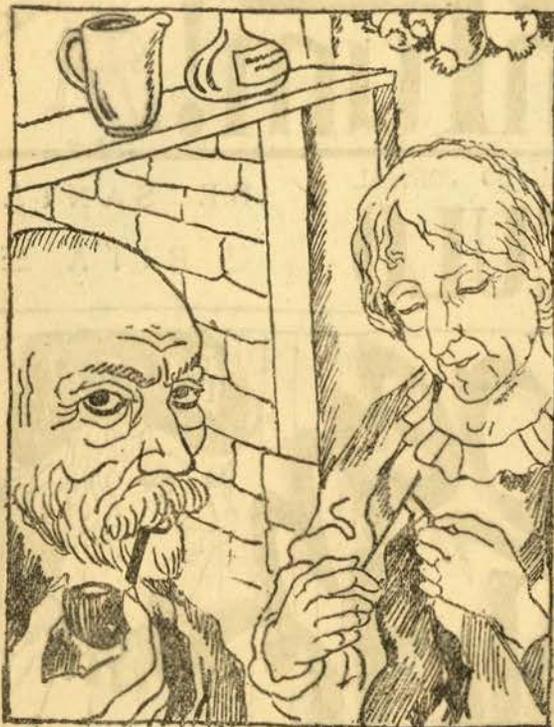
Joana, sua mulher, encolhida a um canto, transida de medo, não abria a boca uma única vez, que dos seus lábios não saísse uma prece ao Altíssimo.



E a tempestade continuava medonha. De vez em quando, ouvia-se o ruído da queda de mais

uma árvore que o decorrer dos séculos não havia morto, mas que, naquela horrível noite, caía vencida pela força superior dos elementos.

De repente, três pancadas, fortes, sonoras, dadas na



porta da choupana, fizeram com que os pobres velhos, num gesto inconsciente, se abraçassem um no outro.

Quem seria?

Haveria ente humano que se atrevesse a passar a floresta numa noite daquelas?

Não. Era impossível.

As pancadas tornaram-se a ouvir desta vez mais fracas.

O rachador, passado o primeiro momento de espanto, pegou numa machada que estava ao canto da cabana, e dirigiu-se para a porta.

—Cuidado José! Olha que pode ser algum mafeitor! Não abras!

—Quem está aí?—preguntou o rachador sem abrir.

Mas nenhum ruído, a não ser o da tempestade e o quebrar de árvores que se rendiam a uma força muito superior á sua, se ouviu.

—Não abras, José, não abras! Lembra-te que se viessem por bem, ha muito teriam respondido!

Mas o rachador, resolvido a saber quem aquelas horas e numa noite daquelas, batia á porta da sua cabana, (quem sabe se para pedir auxilio?), não atendeu ás supplicas de sua mulher e, num repelão, abriu a porta. Um vulto, que á mesma deveria ter estado encostado, caiu-lhe aos pés.

Mais parecia um monte de farrapos do que um corpo humano!

Logo á primeira vista, notou o bom do rachador que se tratava de uma mulher que tinha abraçada a si uma criança, a qual deveria ter estado adormecida, pois só, após a queda da infeliz é que começou a chorar.

Ainda bastante espantados, Joana pegou na criança enquanto seu marido arrastava, para o pé da lareira, a desgraçada mulher.

A tempestade tinha amainado um pouco.

A-pesar-dos enormes cuidados prestados, não havia meio de fazer voltar os sentidos áquela que, de uma maneira tão estranha, havia entrado naquela cabana.

—Quem será, José? perguntou Joana bastante inquieto.

—Nada sei. Deve ter-se perdido na floresta e tendo

avistado a nossa cabana, veio pedir-nos para a recolhermos. E' isto o que eu suponho.

—E se ela está morta, José?

—Calai-vos, mulher! Não vedes que, embora com algum custo, ainda respira? Não tardará a voltar a si!

Com efeito, a pobre mulher, passados alguns minutos, abriu os olhos. Olhando para aqueles que a cercavam, começou a mover os lábios como que querendo falar.

—Quereis alguma coisa? Falai e talvez a gente vos possa satisfazer a vontade!...

—Pouco poderei... durar. A criança... não é meu filho. Nada me... pertence... E'... é...

Calara-se. Parecia cansada pelo grande esforço que havia feito, para pronunciar aquelas poucas palavras. O peito arfava-lhe demasiado. Devia ter chegado a sua ultima hora.

—Perdão... Perdão meu Deus!... Vou morrer!... Tratem d'ele... tem um sinal...

Nada mais disse. A morte apiedara-se dela.

Ao lado, a criança inconsciente, ria, ria, como que satisfeita por tudo o que se estava passando á sua volta.

Cá fora a tempestade, rugia medonha.

Dezasseis anos haviam passado após aquella horrível noite.

No local onde, anos antes, existia a choupana do velho rachador, só árvores se viam agora. A floresta aposara-se do terreno que os fortes braços do homem lhe haviam roubado.

Tanto José como sua mulher haviam morrido.

Mas que seria feito da criança que, de um modo tão fora do vulgar, fôra entregue aos seus cuidados? Ninguém o sabia ao certo.

Uns, diziam que ao ver-se sózinha na terra, contando



apenas treze anos de idade, resolvera correr mundo; outros que fôra para págem do rei...

Mas tudo eram, apenas, suposições.

Estela era sobrinha do mais poderoso rei daqueles tempos.

Nada lhe faltava que pudesse contribuir para a sua felicidade. Habitava um palácio de esmeralda côr de rosa,

(Continua na pagina 4)

QUERER E PODER

●●● POR GIL OLIVEIRA ●●●



JOÃO Manuel «Moleiro» era o pai de Roque Manuel «Moleiro». Um pobre homem de longas barbas a branquearem, apesar do idade não ser avançada, e que habitava numa mísera casa quasi a desmoronar-se, numa aldeia da encantadora provincia do Minho.

Era moleiro há muitos anos, mas o dinheiro que ganhava era insufficiente para o seu sustento.

O filho Roque Manuel «Moleiro», um vivo rapaz dos seus 12 anos, órfão de mãe, cabelo ruivo, uns olhos muito pretos e duma esperteza invulgar, acompanhava o pai na árdua tarefa de levar farinha aos fregueses da cidade próxima.

Logo ao despontar da aurora, mal o sol começava a refulgir seus raios, divisava-se na estrada o João «Moleiro» e o filho caminhando lentamente, levando á arreata um burro faminto, carregado com sacos.

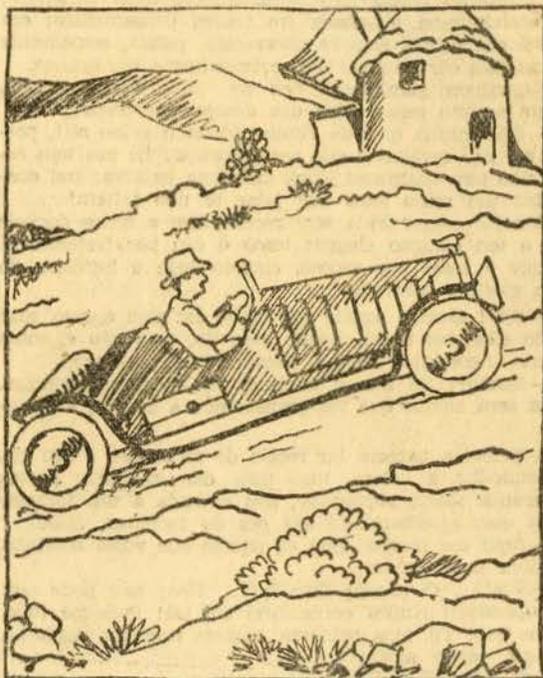
Chegados á cidade, entregavam a farinha aos seus domicílios, depois voltavam novamente para o moinho com o burro, conduzindo este agora sacos de milho para moer.

Uma vez em casa, João «Moleiro» tratava do burro enquanto Roque, num quarto de hora, fazia um caldo de conves para os dois. Acompanhava este apetitoso caldinho, um bom pedaço de pão de milho.

Finalizada a refeição, pai e filho marchavam para o moinho, que ficava um pouco distante da casa.

que lhe havia falecido um irmão muito rico, possuidor duma avultada fortuna, tio e padrinho do Roque Manuel «Moleiro».

Havia sido sempre solteiro e vivera completamente só. Imediatamente João e Roque «Moleiro» partiram para a casa do irmão e padrinho, respectivamente.



Quando chegaram, procedia-se á abertura do testamento. Alguns parentes do falecido aguardavam ansiosamente o texto do escrito.

Finalmente o testamenteiro leu:

Eu abaixo assinado, em pleno poder das minhas faculdades mentais, lego tóda a minha fortuna ao meu afilhado e sobrinho, Roque Manuel, filho de meu irmão legítimo, João Manuel Fernandes, mais conhecido por João Manuel «Moleiro».

Porém, com uma condição: o meu afilhado só receberá a herança quando se formar em medicina; de contrário, a nada terá direito e os bens e o dinheiro reverterão para o Estado.

Se o meu afilhado quizer cumprir o que lhe peço, ficará com uma mesada para poder estudar, dada pelo meu testamenteiro.

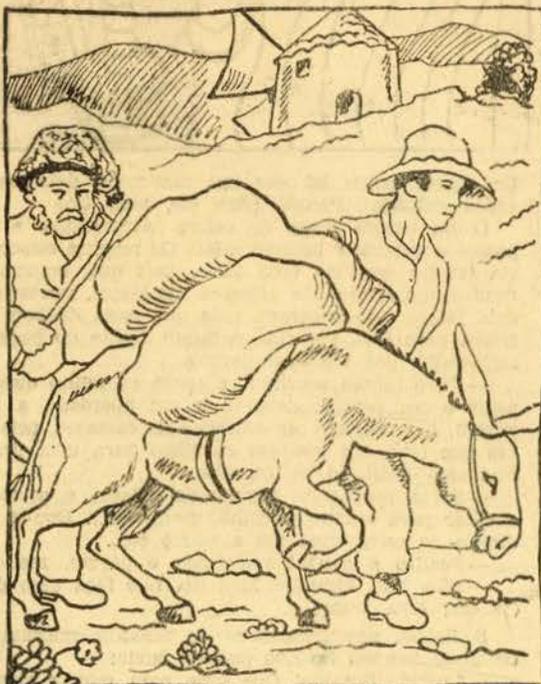
E, não tendo mais objectar, me assino,
Antonio Manuel Fernandes

Pai, filho e todos os parentes ficaram atónitos, após a leitura do testamento. Ninguém esperava uma condição destas, de tão difícil empreendimento.

Roque, que contava 20 anos, e que, portanto, era já um homem, resolveu falar:

— Meu pai e todas as pessoas que me escutam: apesar do pouco que sei ler e da pouca intelligencia que tenho, espero formar-me em medicina no mais curto espaço de tempo.

E, agora, senhor testamenteiro, ficará ao cuidado de



Quasi á noitinha, quando a brisa é sempre mais suave, os dois regressavam com o milho transformado em farinha, para casa.

E este penoso mester era levado a efeito tódos os dias.

Tinham sido volvidos alguns anos quando foi comunicado, por intermédio dum amigo, a João Manuel «Moleiro»

(Continua na pagina 7)

(Continuado da página 2)

atravessado pelos luminosos raios do sol; seus delicados pés nus, quando ela passava de uma câmara para outra, amparada por lindas aias, enterravam-se em tapetes profundos; a toda a hora do dia, se ouviam árias que poderiam deslumbrar os mais delicados ouvidos.

Possuía cofres feitos de uma só jóia; cheios de toda a espécie de diamantes, de todos os rubis e de todas as safiras.

Mas o que era, mais que tudo, próprio para conservar alegre o espírito da princesa, que era tratada por seu tio como se sua filha fosse, eram os maravilhosos jardins em volta do palácio.

As flores mais raras desabrochavam, magníficas e impetuosas, cheias de seiva, inclinando os seus calix que choravam perfumes.

Entretanto Estela não testemunhava estar satisfeita; surpreendiam-na abismada em tristes pensamentos; era visível que estava sempre aborrecida, pálida, semelhante a uma flôr côr de rosa que se transforma em branca.

Supunham geralmente que ela tinha algum desejo, algum secreto pesar. Mas que desejo, que pesar?!

— Oh! minha querida Estela, (dizia o velho rei), porque me não revelais o que vos preocupa? Se nos teus cofres não tens bastantes jóias, dize uma palavra; irei conquistar um reino para que jóias te não falem!

Desejas casar? Fala sem receio, dize o nome daquele que o teu coração elegeu; tomo o céu por testemunha de que o terás por esposo, embora seja o herdeiro do mais glorioso soberano!

— Sim! Escolhi aquele que ha-de ser meu esposo, mas receio dizer-vos o seu nome, meu tio, pois não é, como julgais, nenhum príncipe, nenhum rei poderoso...

— Então?! Se não é nenhum rei, nenhum príncipe, quem será aquele que vos transtornou a cabeça, a ponto de...

A princesa parecia ter receio de responder a seu tio, receando-lhe a cólera, mas uma das inúmeras portas do grande salão, abrindo-se, deu entrada a um formoso rapaz que, ajoelhando-se aos pés do monarca, disse:

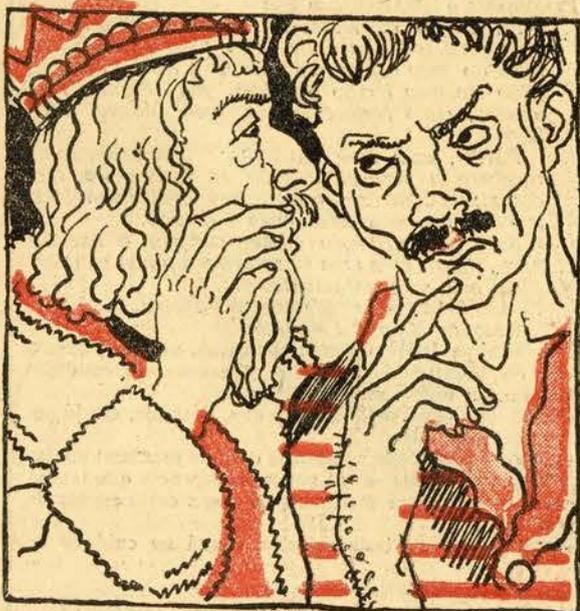
— Aqui me tendes! Sou eu aquele que vossa sobrinha escolheu para esposo!

— Vós?... O págem Sinaldo!?! Não; não pode ser! É impossível! Nunca consentirei em tal! Pede-me tudo, menos isso! Tu, uma princesa, casares com um págem!... Preferia ver-te morta!

— Senhor! balbuciou o págem.

— Cala-te, maldito! Terás o castigo que mereces!

— Meu tio, peço-vos que nenhum mal lhe façais!



Se algum crime há em nos amarmos, dele sou eu a única culpada! Perdão para ele, meu tio!

O rei estava louco de cólera. Atravessava a largos passos o enorme e luxuoso salão. De repente estacou. Devia ter-lhe ocorrido uma ideia, pois que, enquanto serenava, um sorriso lhe aflorava aos lábios, sorriso que os dois jôvens não notaram, mas que nada de bom significava para eles. Por fim, parando diante do págem, dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

— Visto minha sobrinha, a quem eu muito quero, me pedir o teu perdão, deixo-te ir em liberdade, a ti, um págem, que merecia ser entregue ao carrasco, pela ousadia que teve, em levantar os olhos para uma princesa, mas uma condição te imponho:

— Serás, por agora, expulso do palácio, e, se tornares a olhar para minha sobrinha, morrerás!... Dou-te pois o direito de escolheres: Ou a morte ou...

— Prefiro a morte! respondeu o págem, resolutivo.

— Não, não, Sinaldo! Meu tio, não faça caso do que ele diz! Está louco!...

E Estela, aproximando-se de Sinaldo, murmurou-lhe de modo que seu tio não pudesse ouvir:

— Querido Sinaldo! Que seria para mim a vida, sem ti? Lembra-te que, se morresses, me mataria também! Se fôres apenas expulso, muitas esperanças nos restam ainda!

E, voltando-se de repente para o lado onde se encontrava o rei:

— Meu tio, Sinaldo reflectiu e escolhe a expulsão do palácio!



— Antes assim, pois confesso que me seria deveras penoso ter que castigar aquele que, até ao dia de hoje, me tem servido tão bem.

Só o rei se encontrava, agora, no salão.

Ele que tantas batalhas havia vencido, sem nunca ter conhecido o medo, não pôde deixar de tremer ao notar que uma das portas do salão, abrindo-se, dera entrada a um soldado que á sua vista se perfilou.

— Real senhor! O prisioneiro que mandaste buscar encontra-se na ante-câmara esperando ser ouvido!

— Vem só? perguntou o rei um tanto inquieto.

— Receando-se a sua fuga, é conduzido por dois guardas.

— Mandai-o entrar, mas apenas a ele. Desejo que fiquemos somente os dois. Mandai retirar todos aqueles que se encontrem na ante-câmara!

— E' meu dever avisar-vos de que o homem é para temer. Encontrava-se preso por ter praticado o mais hediondo de todos os crimes, matando um filho, o seu unico filho!

— Não vos dê isso cuidado. No entanto, não deixo de vos agradecer o aviso. Mandai entrar o preso.

— Sereis obedecido, real senhor!

E o soldado, retirando-se, não fechou a porta por onde, passados poucos momentos, que ao rei pareceram uma eternidade, entrou um homem de longa barba mal cuidada, com uns olhos pequenos mas brilhantes. Vinha

miseravelmente vestido, tornando-se difícil a um bom examinador definir qual a cor das vestes que envergava, cobrindo-lhe um corpo que um bom atleta não desdenharia possuir.

Bastante admirado, por ser conduzido perante o rei, de, um condenado, que em breve devia ser entregue ao carrasco, hesitou bastante antes de penetrar naquele luxuoso salão, o que só fez depois de se certificar de que nada teria a recear.

Já diante do rei, curvou-se numa reverência simples e, entre olhares cneios de desconfiança, perguntou numa voz que mais parecia o começo duma canção:

— Que desejais deste infeliz, meu Real Senhor?

O rei, depois de se certificar de que por ninguém seria ouvido, além do criminoso, perguntou por sua vez:

— Sabeis qual a sorte que vos espera?

— Não o ignoro, Senhor. Quando pratiquei o crime, uma morte, como já de certo sabeis, desde logo fiquei sabendo que o carrasco em breve me faria o mesmo. Mas a sorte favoreceu-me, se sorte se pode chamar, conseguindo fugir ao nó corredo da força, quando se anda perseguido pelos remorsos dum horrível crime que se praticou. Mas até essa sorte me abandonou pois, passados poucos dias, fui preso.

— Que farias por mim, se te desse a liberdade e o dinheiro suficiente para, de futuro, poderes viver honradamente?

— Dinheiro?! Liberdade?!... Será possível, meu Deus?!... Ordenai, seja o que for, e logo, imediatamente, sereis obedecido!...

— Não te importarias de cometer um novo crime para obteres essas duas belas coisas?

O rosto do desgraçado, que até ali mostrara a maior alegria, uma alegria louca, ficou espantado, contorcendo-se depois, como nos espasmos duma morte dada á força das mais atrozes torturas. Por fim, conseguiu balbuciar:

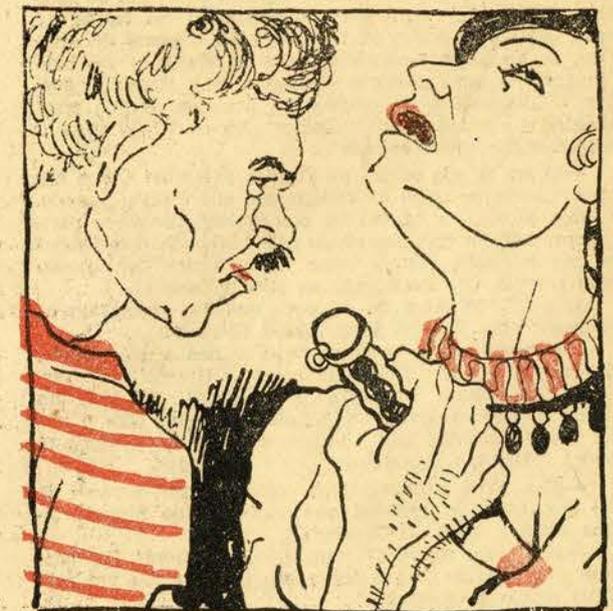
— Senhor!... Será possível... vós o Rei... pagardes para...

— De nada te admires. Aproxima-te e ouve o que te vou dizer. Tu me darás razão.

Nada mais se pôde ouvir da conversa que o rei teve com o condenado.

O soberano devia ter convencido o assassino, pois que, perante a maior admiração de todos, foi dada a ordem de liberdade.

Ninguém sabia o que levava o rei a proceder daquela maneira; ele que tão justiciero havia sido até ali. Por em liberdade um condenado á morte, do qual não havia sido provada a não culpabilidade do crime de que



era acusado, era um caso que todos aqueles que conheciam o monarca, não tinham na memória.

Jamais se pensou que a solução do enigma estava num grito aflitivo de socorro, que se ouviu naquela mesma noite, grito esse, logo abafado pelo baque dum corpo que, jorrando sangue de uma enorme ferida, ia tingindo de vermelho as pedras desconjuntadas de uma rua próxima ao palácio real.

Às primeiras horas da manhã foi enorme o alvoroço produzido em todo o palácio.

Um crime havia sido praticado na noite passada; e o infeliz que havia caído sob a arma assassina, era nem mais nem menos do que o págem Sinaldo, favorito do rei!

Ao romper do dia, dois homenzinhos haviam encontrado, prostrado, um corpo de onde parecia ter fugido de ha muito a vida. Fácil se lhes tornou reconhecer no infeliz o págem favorito do seu querido e justiça rei. Como o estado do ferido fosse muito grave, pois tinha sido grande a abundância de sangue que havia perdido, resolveram levá-lo para casa de um deles, entregá-lo aos cuidados da mulher, enquanto o outro ia dar conhecimento do ocorrido ao palácio.

Foi, pois, grande a consternação quando se soube tal notícia. Tudo lastimava a sorte do infeliz págem que por todos era querido.

Inmediatamente introduzido no aposento em que se encontrava o rei, o mensageiro de tão má nova, explicou como encontrara Sinaldo.

— Real Senhor! Depois do que vos contei, e se, como espero, é vosso desejo dar um último adeus àquele que bem vos serviu, não deveis demorar mais tempo, pois é gravíssimo o estado do ferido. Poucos momentos lhe restam de vida!

Um riso sarcástico, que o pobre homem não pôde notar, aflorou aos lábios do monarca, riso que logo foi substituído por uma expressão de fingida compaixão, o que levou a crer ao homem que se encontrava na sua frente, que realmente era grande o amor que o rei tinha pelo seu págem favorito.

— É infelizmente muito grave o estado do meu querido págem?

— Sim! Real Senhor. Infelizmente assim acontece. Como vos disse, não deverá ser grande a vossa demora, em vos irdes despedir de Sinaldo; caso contrário já o não encontrareis com vida. O maldito que o feriu quasi acertou no alvo!

— No alvo?!...

— Peço perdão a Vossa Magestade pelo termo que empreguei diante da vossa real pessoa mas queria eu dizer que, no corpo do bom Sinaldo, a pouca distância do sítio onde foi ferido, existe um pequeno sinal em forma de cruz, sinal esse a que eu ha pouco dei o nome de alvo. Ora, se acertasse nesse sinal, que se encontra no lado esquerdo do peito, a morte do págem seria imediata, porque infalivelmente o coração era atingido, o que para Sinaldo teria sido muito melhor! Escusava de estar a sofrer, como sofre, coitado!...

— O rei já não ouvira as últimas palavras! Como um autómato, levantou-se da cadeira em que estava sentado, e, com os olhos a saírem-lhe das órbitas, dirigiu-se para o pobre homem que, espantado pela rápida transformação do seu monarca, tremia como varas verdes, procurando com a vista um local onde se pudesse ocultar.

Ao sentir as mãos do monarca que lhe apertaram os ombros, como duas tenazes, quasi desmaiou.

— Jura-me por tudo que para ti tenhas, neste mundo, de mais querido!... Por... filhos se os tiveres!... É verdade tudo quanto me acabaste de dizer?! Ele tem um sinal no lado esquerdo do peito?!... Fala!... Não é um rei que te ordena, mas sim um pai que de joelhos te pede!... Dize-me, é verdade?

— Sim, Real Senhor!! Mas como a nossa demora já foi demasiada, é provável que o desgraçado Sinaldo tenha dado a alma ao Criador.

— Não; não morrerá! Deus não o quererá! Ele bem sabe que Sinaldo é meu filho, que Sinaldo tem um pai! Deus não o há-de querer!...

E, ante o olhar espantado daquele que lhe havia tra-

zido tão má nova, o rei ordenou que três dos mais velozes cavalos do reino fôsem selados; um para ele, outro para aquele em casa de quem se encontrava Sinaldo e o terceiro para o melhor médico da corte.

Antes de partir, deu ordens para que tal acontecimento não chegasse ao conhecimento de sua sobrinha, que, àquela hora matutina, se encontrava ainda, recolhida nos seus aposentos, pensando, talvez, no melhor meio de conseguir que as pazes fôsem feitas entre seu tio e o seu querido Sinaldo.

Os três cavaleiros pareciam voar, breve chegando ao seu destino.

Estendido numa cama de aspecto pobre mas limpo, encontrava-se o págem. Quem ignorasse o que se passava, julgá-lo-ia dormindo sossegadamente. De vez em quando os seus lábios, entreabrindo-se, deixavam sair palavras que para o rei eram como punhais que lhe cravavam no peito.

— Sim... foi ele... maldito rei!... Estela... querida Estela... sim!... Maldito seja teu fio!...

O médico, havia-se aproximado de Sinaldo. Depois de lhe examinar a ferida, abriu uma pequena caixa que trouxera, de dentro da qual tirou os medicamentos com que lhe fez o primeiro penso. Um sorriso lhe aflorava aos lábios.

Sinaldo estava agora mais descansado; a febre que dele se apossara, diminuíra bastante após o tratamento.

O médico dirigiu-se ao monarca que se encontrava, com o rosto coberto com as mãos, a um canto do compartimento. O rei não balbuciou uma palavra, embara, á



aproximação do médico, tivesse levantado a cabeça, fitando-o com uns olhos que, naquele momento, tinham maior significação do que qualquer palavra que tivesse proferido.

— Nada tendes a recear! O ferimento não tem a gravidade que essa pobre gente a principio lhe atribuiu. É verdade que foi grande a quantidade de sangue que perdeu mas, as forças breve voltarão após algum tempo de descanso e bom tratamento.

O rei parecia louco de alegria!

— Obrigado, meu Deus! Obrigado!

E as lágrimas corriam-lhe pelas faces envelhecidas não só pelo decorrer dos anos mas, também, por um grande desgosto que havia anos o atormentava:

«Um dia, uma aia, a quem o rei mandara prender o marido, raptara-lhe o seu único filho, criança de meses ainda, do qual nunca lhe fôra possível descobrir o paradeiro. Sua esposa, a rainha Helena, morria pouco de-

pois, atingida por tão grande desgraça. Desde então, nunca mais a alegria entrara no peito do monarca, apesar dos enormes esforços para esse fim empregados por sua sobrinha Estela, que o rei mandara vir para o palácio. No entanto, nunca o abandonou a esperança de voltar a encontrar seu filho, que ele reconheceria no meio de mil, devido a um sinal em forma de cruz que o príncipe tinha no lado esquerdo do peito.

E, já agora, não podia deixar de tremer, ao pensar que havia mandado matar o seu próprio filho por um condenado à morte que havia praticado idêntico crime e a quem Deus, talvez por ter achado já demasiado o castigo daquele tão orgulhoso monarca, desviara o braço assassino no momento de ferir.

Devido aos enormes cuidados prestados por Estela, que, com grande alegria sua, havia sido informada de tudo quanto se havia passado, Sinaldo breve se restabeleceu.

— Sim! afirmava Sinaldo numa conversa que tivera com o rei. Sou eu o vosso filho! Os pobres velhos que tomaram conta de mim, contaram-me várias vezes que, numa noite tempestuosa, uma mulher lhes bateu à porta

da sua humilde choupana, pedindo protecção e agasalho para ela e para mim. Pouco tempo depois de ali ter dado entrada, a infeliz morria pedindo perdão a Deus por um crime que havia cometido mas que a morte lhe não deixou confessar, podendo apenas dizer que nada lhe pertencia e chamando a atenção dos bons velhos para um sinal inapagável que tenho no lado esquerdo do peito o que os levou, de ali em diante, a chamarem-me pelo nome de Sinaldo.

— E, agora, meu querido pai, já poderei ver realizado o meu mais belo sonho?...

— Sim, meu filho, nada impedirá o teu casamento com tua prima a princesa Estela. Estou demasiado velho e necessito de quem me substitua.

E, passados dias, realizou-se, com a maior pompa, o casamento do príncipe Sinaldo com sua prima a princesa Estela, que foram muito felizes, tiveram muitos princezinhos e que só passados muitos anos, já quando estavam muito velhinhos, foram chamados por Deus que os recompensou no céu por tanto se terem amado na terra.

Vila Real de Trás-os-Montes.

F I M

QUERER E' PODER

(Continuação da pagina 3)

V. Ex.^a enviar-me uma mensalidade para estudar, visto ainda não poder receber a herança.

Como todos julgavam tal resolução bastante difícil de cumprir-se, os assistentes riram do que ele dissera.

João «Moleiro», espantado, exclamou, então, dirigindo-se ao filho:

— Tu decerto endoideceste, meu pobre Roque. Como queres vir a ser doutor se já não és criança há muito.

— E' melhor não discutirmos, meu pai — (respondeu Roque) — o assunto está arrumado e eu hei-de vir a ser um médico, custe o que custar. Lembre-se deste ditado: «Querer é poder»

Num aprazível dia, do mês de julho, em que o declinar do sol, no horisonte, começa mais tardiamente e em que os rouxinóis, nos seus gorgeios divinos, deliciam o nosso ouvido, Roque fazia o seu primeiro exame, isto é, o de instrução primária.

No ano seguinte, na cidade de Braga, com um bom explicador, o nosso esperto e fino Roque «Moleiro» habilitava-se para fazer o quinto ano dos liceus.

Decorreram dez anos.

Eis agora o filho de João «Moleiro», saindo da Universidade do Porto, numa deliciosa tarde, formado em medicina.

Estava, portanto, realizado o grande feito. Alguns dias depois, Roque, acompanhado pelo pai, agora elegantemente vestido, regresava á famosa aldeia do seu adorado Minho, de automóvel, levando já consigo o espólio que, por morte do padrinho, lhe fora legado.

Enquanto o auto deslisava pela estrada, que tantas vezes os dois tinham percorrido a pé, João e Roque «Moleiro» absortos, admiravam, lá em baixo, o serpentear do regalo com o seu ruído monótono, visto por eles infinitas vezes.

O rodar do automóvel confundia-se com o correr das águas cristalinas do riacho.

E, nesta profunda meditação, chegaram á aldeia.

João «Moleiro», do pai o doutor Roque Manuel, tinha deixado a profissão que desde há muito exercia, e vivia os seus últimos anos numa boa casa, na aldeia, com o filho, onde exercia a sua clinica como médico municipal.

Roque comprou um automóvel e um cavalo, para assim poder fazer as visitas aos doentes mais distantes.

Era muito carinhoso para os enfermos e contava-lhes sempre histórias para os animar.

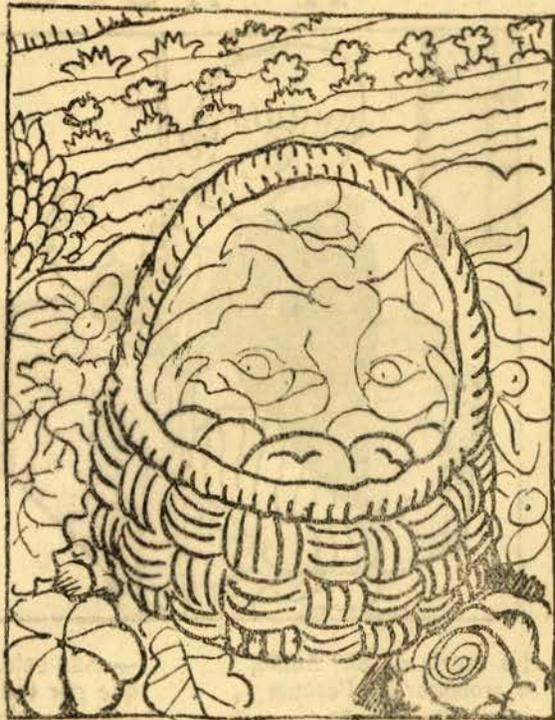
Mais tarde, Roque ficou órfão e, como a vida para ele se lhe tornara monotona e solitária resolveu casar-se.

Numa bela quarta feira primaveril, os sinos da igreja da povoação tilintavam festivamente. Era o casamento de Roque Manuel «Moleiro» com a filha dum rico proprietário daquela mesma aldeia.

Volvidos mais alguns anos, o doutor Roque Manuel vivia muito feliz na companhia da esposa e de três interessantes meninas.

FIM

ADIVINHA



Meus meninos: — Vejam se descobrem o hortelão que trata desta horta.

DUAS ANEDOTAS

SUPLÍCIO DE TÂNTA LO

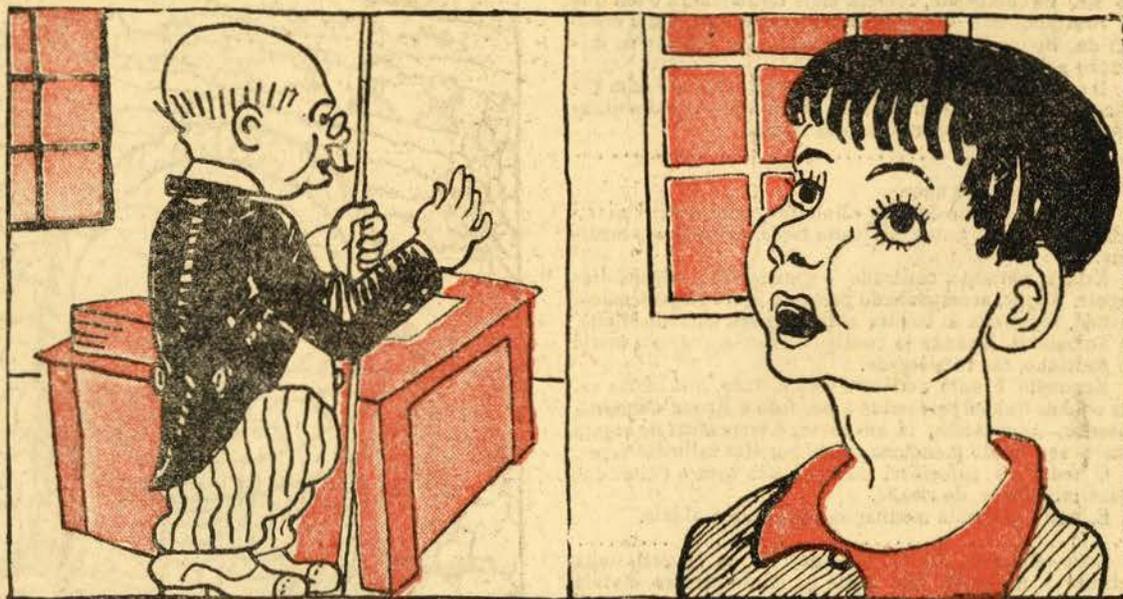


A-pesar-de bom rapaz.
Carlitos a roupa traz
quási sempre embodegada;
pois o mau hábito tem
de ir à despensa da mãe
e roubar-lhe a marmelada.

A mãe para o castigar
d'o mau sestro de roubar,
ordenou que l'he puzessem
duas canecas na mão,
e que dentro l'he metessem
dele uma boa porção.

Sem licença de targa
as canecas, põe-se a olhar,
num ar de grandes desditas,
para a bela marmelada;
mas, com as mãos interditas,
não consegue comer nada!

A' hora da lição



Na escola de St.º Antão,
o professor Zé Pestana
interroga Zé João,
que é filho de Dona Ana:
— «Diga-me cá quantos são
os dias duma semana?»

— «São sete;» — diz Zé João,
que por tudo e nada cora,
embora saiba a lição.
— «Muito bem. Diga-me, agora,
a sua designação?!
Vá... domingo e... por 'hi fora!...»

Então, para que não contem
que se calara, à mamã;
e entre os patetas o apontem,
responde com grande afan:
— «Tresantontem, antes de ontem,
ontem, hoje e... amanhã!...»